

Leituras Crí ti cas

MOITA, T. (2020). *MANUAL DA SOLIDÃO*.
CHIADO PUBLISHERS. LISBOA: 127 PP.
MARIA CARLOS LINO DE SENA ALDEIA

BORGES, A. J. (2019). *DIACRÓNICAS*.
THEYA EDITORES. LISBOA: 114 PP.
MIGUEL REAL

MORIN, E. (2015). *PENSER GLOBAL*. ÉDITIONS
ROBERT LAFFONT, S.A. PARIS: 134 PP.
JOÃO MANUEL DE LEMOS BAPTISTA

STEGER, M. B. (2013). *GLOBALIZATION – A VERY SHORT
INTRODUCTION*. OXFORD UNIVERSITY PRESS.
OXFORD: 148 PP.
ANA CATARINA MESQUITA

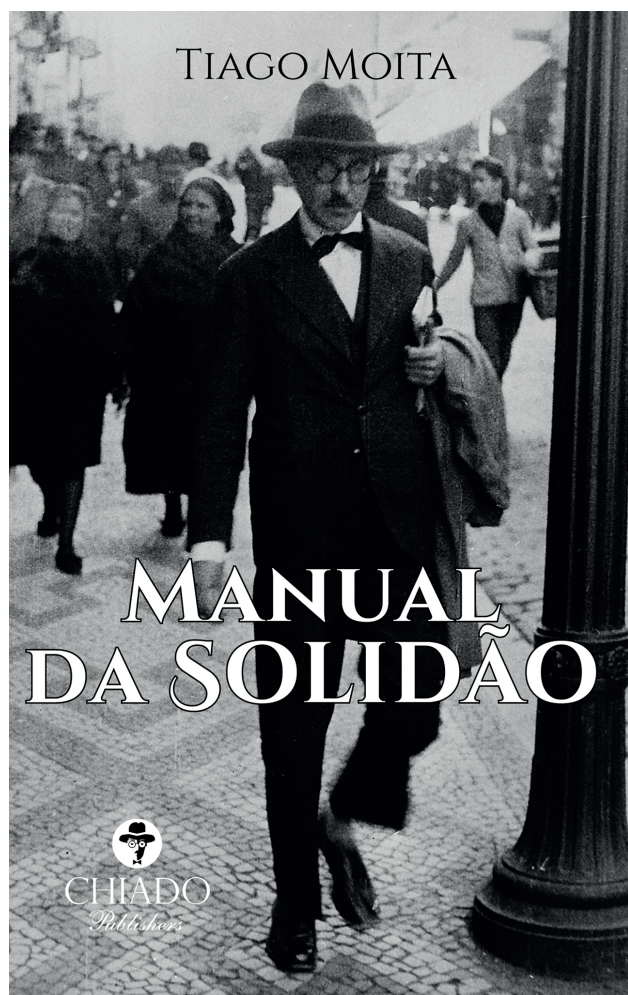
Moita, T. (2020). *Manual da Solidão*.

Chiado Publishers. Lisboa: 127 pp.

MARIA CARLOS LINO DE SENA ALDEIA¹

*Toda a literatura consiste num esforço
para tornar a vida real.*
Bernardo Soares

*Toda a realidade é suportável quando cultivamos
pequenas loucuras no jardim dos dias
que plantamos.*
Tiago Moita



De acordo com a sinopse do livro que se apresenta, *Manual da Solidão*, do jovem e promissor escritor Tiago Moita, somos desafiados, enquanto leitores da obra, a acompanhar uma reconfiguração da figura literária «Bernardo Soares», o qual, em repouso na etérea morada há décadas, foi instado a mergulhar numa nova realidade e a reatualizar-se através de um processo criativo de desconstrução e que ele, ciente de que a sua genialidade é uma inesgotável fonte inspiradora para aqueles

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

que amam a escrita, aceitou prontamente, perspetivando também com essa aceitação realizar um *continuum* de aprendizagem e construção de sentido para a existência, apátrio de toda a condição humana. Do pacto que se estabeleceu resultou uma coreografia representada por atores que caleidoscopicamente vão revelando um afloramento de múltiplos eus da personalidade literária Bernardo Soares, nos quais ressoa a voz de Fernando Pessoa e outras por ele criadas, reatualizados num novo sujeito que emerge no mundo hodierno depois de passar incólume pelas vicissitudes do Tempo e que regressa para voltar a desassossegar-se na dor e no prazer das sensações, sentimentos e reflexões, num processo de autognose e interação simbólica com o criador e sujeito desta nova obra, e então fulgurar num uno na sua plenitude, desconstruindo, sem destruir, tudo o que o antigo sujeito literário criou na sua genialidade, fazendo-o revivificar através desta reescrita em que a solidão é a pedra de toque para a realização de todo o processo criativo, porque é em solidão e mergulhando no abismo de si mesmo que o homem «contempla a plenitude da sua transcendência.» (Moita, 2020: 44).

Seja porque os «labirintos da sincronicidade» (Moita, 2020: 19) são enigmáticos ou porque a ordem das coisas no universo poderá corresponder a uma configuração numérica, a génese do novo sujeito literário viria a ocorrer mercê de um conjunto de circunstâncias que obedeceram a um intrincado jogo numérico.

Este sujeito recém aportado à costa da nova existência por ele desejada, qual Narciso que morre de saudades de si quando não se vê ao espelho, de regresso do vazio após uma viagem um tanto atribulada pelos dédalos do espaço-tempo, traz na bagagem o seu livro de memórias do qual constam «as aspirações de todas as eras» (Pessoa, 2011: 114) e as inquietações de todos os tempos. Traz também a sua velha e magnífica máquina dos sonhos. Despido o espartilho do Tempo que outrora, por vezes, ainda o atormentava, volta para reescrever «o Génesis» (Moita, 2020: 21) – não se propõe fazer pouca coisa –; é a voz do demiurgo que transporta agora memórias cósmicas que alcançou noutra dimensão de onde vem, renascido, depois de ter tido o supremo privilégio de «sentir o Todo» em [S] i» (Moita, 2020: 28), através de um processo alquímico de sublimação que transforma a vanidade em singeleza e compreende a dor como um estágio para atingir a felicidade, fundindo tudo no forno cósmico do qual se elevará um novo eu, uno e múltiplo como sempre fora, continuando a desdobrar-se, a «libertar-se em duplo» (Pessoa, 1980: 27) e a «ubiquitar-se», para «sentir tudo de todas as maneiras» (Pessoa, 2011: 223 e 136) e para afirmar que já não é apenas aquele que é do tamanho do que vê, como o que foi o mestre Caeiro, mas aquele que é do tamanho do que sente, mais ao jeito de Álvaro de Campos, pois tudo o que vê só se realiza depois de o interiorizar. Bernardo Soares já sustentara que

vivemos quase sempre fora de nós, que a vida é uma perpétua dispersão e que deve ser para nós que devemos tender, apesar de ao tempo ainda sofrer com a solidão porque lhe era difícil «obter aquela distinção de espírito que permit[isse] ao isolamento ser um repouso sem angústia» (Pessoa, 2011: 390). Porém, este novo sujeito propõe-se subir a «escada de veludo» (Moita, 2020: 35), «escada absoluta sem degraus» (Pessoa, 1984: 38), abstraindo-se da «futilidade trágica da vida» (Pessoa, 2011: 217), sentir o sofrimento e o prazer ainda que este seja atingido pelos caminhos da dor «a mastigar urtigas» (Moita, 2020: 57), considerando esta como um modo de gradação do ser e compreensão para as dores do mundo, enfrentar os medos, «as sombras no coração» (Moita, 2020: 60), meditar e transcender-se pelo poder da sua força mental e o auxílio da intuição cósmica e consciência superior e ir bebendo na fonte da sabedoria primordial aperfeiçoando a sua própria clarividência.

Num excesso barroco esta nova personalidade tenta construir uma definição de alma concluindo que «Toda a vida da alma é um movimento na ausência» (Moita, 2020: 42), ou seja, é uma busca incessante de explicações que não se encontram, um desencontro constante entre o que fazemos, as enganadoras escolhas que seguimos e que o que a alma espera que façamos e que está registado no livro do Absoluto, que ela conhece mas não no-lo revela porque é-lhe vedado fazê-lo sem antes percorrermos um caminho de pedras ásperas de

aprendizagem. Também a ideia de pátria portuguesa é agora redefinida pela de alma do país, a qual enforma um conjunto de características peculiares que a distinguem, tais como a solidariedade, a tolerância ou a fraternidade do seu povo e não exclusivamente a língua portuguesa como identificadora.

Lamenta o sujeito que aquele indivíduo que apenas conhece a felicidade superficial e que vive aprisionado em «condutas estoicas e absurdas empacotadas pela letargia do quotidiano» (Moita, 2020: 64), sem perceber que tem de saltar o muro da vulgaridade, desnudar-se dos convencionalismos e imergir dentro de si mesmo para, desse modo, tentar colher o verdadeiro fruto da Árvore do Conhecimento e que o caminho para alcançar a Verdade é como pisar achas ardentes num labirinto onde se trava uma complexa luta entre a arrogância de tudo julgar saber e a humildade de pensar que nada se sabe. Saído de um tempo em que muitos haviam perdido a crença em Deus, encontra-se agora perante um outro de múltiplas formas de viver Deus em si mesmo como forma de acreditar nele porque nos sentimos, na nossa fragilidade humana, carentes de «um Deus verdadeiro» (Pessoa, 2011: 206) ou porque «Deus é o verbo que dá nome à alma de todas as coisas do universo» (Moita, 2020: 50) é o leme que nos conduz na escuridão universal e é o bordão a que nos apoiamos para suportar a nossa imensa vulnerabilidade, sendo que alma é ela própria «uma escada» ou «um corredor-Uni-

verso para Deus» (Pessoa, 1980: 104-105). Também nos equilibramos com a ajuda das incoerências do pequeno grão de loucura que nos favorece com a dádiva do riso que alivia a opressão que o mundo nos colocou no peito e curamos alguns dos nossos defeitos, como a inveja da genialidade de outros, com o «elixir da humildade» (Moita, 2020: 57), para aceitarmos a nossa «perfeição imperfeita» (Moita, 2020: 56) como bálsamo para a dor e o medo e despirmos a roupagem do preconceito com que nos vestem logo à nascença, a fim de, pacificamente, concluirmos que «toda a obra tem que ser imperfeita» (Pessoa, 2011: 40) ainda que a nossa imperfeição, que é uma das marcas da nossa condição humana, nos cause sofrimento e procuremos ajuda na transcendência para minorar esse sofrimento. Discorrendo sobre o amor, o eu literário considera-o a substância da alma, mas também que o amor é «uma taça que se enche para si própria» (Moita, 2020: 68), é avassalador e exigente, desnuda-nos e envolve-nos de encantamento e angústia, porém, «ganha asas na entrega total, que é a consciência do fogo de nós mesmos reflectido na alma do outro» (Moita, 2020: 69), não diferindo substancialmente do anterior pensamento de Bernardo Soares, que dizia: «Amamos, tão-somente, a ideia que fazemos de alguém. É um conceito nosso — em suma, é a nós mesmos — que amamos.» (Pessoa, 2011: 125).

É no silêncio da solidão que o sujeito interioriza a palavra vazia e lhe dá um sentido que o seu desassossego buscava e não lograva en-

contrar no mundo de múltiplas palavras desprovidas de relevância, como outrora o fizera no seu quarto quieto, sozinho. Um dos propósitos desta solidão desejada é ainda «reencontrar a inocência perdida dos homens para além das palavras...» (Moita, 2020: 72), porque a solidão só «é um muro para quem desiste de sonhar com o céu quando tudo arde e de caminhar quando tudo perde». Mergulhando no algar do silêncio, rindo das «gramáticas canónicas e das matemáticas estéreis» (Moita, 2020: 73-74), o eu atinge a clarividência em resultado da fusão num todo de «tempo, lugar, objecto e sujeito» (Moita, 2020: 74) e, tocando o transcendente, faz fulgurar a Arte num texto, num poema, numa obra, percebendo também que a verdadeira sabedoria não está apenas nos livros, mas para além deles, está contida em pequenos nada que podemos transformar na lucidez da nossa loucura repudiando o imediatismo e a futilidade. Uma moeda caída no chão leva o sujeito literário a dissertar sobre o poder nefasto que o dinheiro pode inculcar na sociedade, como a usura, a especulação — numa perspectiva que se afigura próxima do pensamento de Giorgio Agamben que considera que Deus não morreu, ele tornou-se Dinheiro —, sendo que o dinheiro poderia ser reconvertido em «uma das fontes de energia renovável da nossa felicidade» (Moita, 2020: 84) se a mentalidade torpe da ganância pudesse ser banida do pensamento humano. O culto do trabalho está também muito ligado ao mefistofélico culto do dinheiro, porém o sujeito

rejeita-o como elemento de libertação do indivíduo porquanto lhe coarta a autenticidade e pode fazer dele um sonâmbulo curvado na «escrivadinha do [s]eu suplício» (Moita, 2020: 88) a preencher «relatórios, formulários, memorandos, actas e balanços sociais» (Moita, 2020: 88), tal como outrora Bernardo Soares, que fora empregado de carteira e que considerava «o trabalho de todos os dias baço, igual e inútil», perante o qual ele se afirmava fingidamente, levando-se a pensar também que a escravatura era uma lei da vida, uma canga imensa a que tinha de inclinar o pescoço. O equilíbrio do corpo passa pelo equilíbrio da mente, quando o ser se liberta de pensamentos negativos e se deixa inebriar pela beleza das coisas singelas e que são ofuscadas pela negritude de «pesadelos pretéritos» (Moita, 2020: 91) que deixamos que nos consumam. Este eu que outrora já sofrera nele «os desassossegos de todos os tempos» (Pessoa, 2011: 114) continua a sofrer e a desassossegar-se nesta nova configuração literária, mas ele sabe que o caminho se faz na descoberta de que a solidão é a porta de entrada de todos os sonhos que nos libertam das angústias, viajando «no cruzeiro da imaginação» (Moita, 2020: 99), naufragando no «despertar do sono dos dias» (Moita, 2020: 99) e saltando «o muro do silêncio para o outro lado da manhã» (Moita, 2020: 99). Realça-se, de novo, o paralelismo com o pensamento de Bernardo Soares, que no passado já então se considerava um «indivíduo de grande mobilidade mental», com «um

amor orgânico e fatal à fixação» (Pessoa, 2011: 130), pelo que também não gostava de viajar porque «a oitava partida [do mundo]» (Pessoa, 1982: 135) era aquela a que recorria e era exclusivamente sua e ainda porque «Afim! a melhor maneira de viajar é sentir. / Sentir tudo de todas as maneiras. / Sentir tudo excessivamente», como dizia Álvaro de Campos (Pessoa, 1980: 104). A aproximação à Natureza, como entidade onde reside o que há de mais puro no Universo, favorecerá também o sujeito no caminho da busca do conhecimento e da transcendência no interior de si mesmo. Ciência e Oculto vivem separados, conhecem-se pouco. O que esperam para falarem das «diferenças que as unem» (Moita, 2020: 103) e voltarem-se para um pensamento sintético? Assim se questiona este novo eu, rematando que talvez ambas, juntas, sejam ainda pequenas para explicar o homem e o Universo. Tão diferentes e tão semelhantes aos restantes animais, como o macaco, o homem distingue-se por conseguir dominar os seus próprios instintos, mas esse domínio requer inteligência, reflexão e fuga «das primeiras sombras» (Moita, 2020: 114) que lhe toldarem o horizonte, devendo, assim, aguardar na «substância do tempo» (Moita, 2020: 105) o dia genesíaco, o «dia inteiro e limpo» (Moita, 2020: 114), como aquele de que falava a poeta Sophia, para então realizar o seu percurso iniciático nos caminhos da transcendência.

Após estas e outras reflexões é chegado o momento deste sujeito literário se despedir. Fá-lo numa manifestação valorativa de todo este

processo de retorno a uma nova realidade desconstruindo tudo o que antes pensara e acrescentando-lhe a valia de uma reatualização. Bernardo Soares partirá como chegou, continuando só em si, na proveitosa companhia da sua solidão.

Esta é uma proposta de leitura, focando apenas alguns dos pontos que nos pareceram relevantes no livro de Tiago Moita, obra que tem como suporte inspirador o *Livro do desassossego* com o qual dialoga em intertexto. Sob o aspeto formal está dividida em grandes temas e subtemas, nomeados, seguindo com distanciamento o modelo do *Livro do desassossego* e obedecendo a uma sistematização diferente, mas assemelhando-se na criação de formulações de cariz pedagógico no seu conteúdo. Crê-se que a narrativa assenta muito em perspetivas ideológicas Nova Era (New Age), em que perpassa uma visão multidimensional do indivíduo, um apelo à valorização das coisas simples da natureza com vista a auxiliar o homem no seu percurso de vida terrena e metaterrena, recorrendo a múltiplas referências a experiências místicas e energéticas e revelando também um manifesto desprezo por alguns elementos do progresso que desviam o homem do caminho do bem. O discurso progride com incursões no mundo esotérico, transfigurado, envereda por caminhos do universo meta-empírico, alguns dos quais já anteriormente percorridos pelo poeta Fernando Pessoa, que Jorge de Sena considerou «cepticamente crente de um extra-mundo

esotérico» (Sena, 1984: 183). Consideramos que a obra de Tiago Moita, autor empírico, é também bastante inspirada em princípios vertidos em teses teosóficas, com referência explícita à obra de Helena Blavatsky, *A voz do silêncio*, traduzida por Fernando Pessoa, bem como em outras teses orientalistas e espiritualistas, num diálogo intercultural oriente/ocidente, em que se perfilham ideias que valorizam o comportamento moral do indivíduo e em que se defende a purificação da alma através de práticas ascéticas, caminhos iniciáticos para a busca do conhecimento, os quais se fariam através de um aprofundamento e elevação espiritual do homem mergulhando no interior de si mesmo, numa autointerpretação ontológica, aí buscando o conhecimento adquirido pela alma num passado que poderá ir além da atual existência empírica, que está oculto, mas que surgirá, paulatinamente, como revelação, como uma autorrevelação.

A criatividade e habilidade verbal que caracterizam a escrita de Tiago Moita, já reconhecida em obras anteriores, ganham asas e constroem nesta obra *Manual da solidão* um mundo em que o real frequentemente se dissolve no irreal, num esforço de religação harmoniosa do humano ao universo e ao que está para além dele e que só se vislumbra com esforço de interiorização da realidade no eu, em solidão, na tentativa de conseguir, desse modo, conhecer o que está para além do imediato e aflorar o conhecimento e o sagrado. Tiago Moita, com a sua imaginação notável, aliada ao seu talento

criador, forjou um sujeito literário que imergiu no anterior sujeito literário Bernardo Soares e que se propôs desconstruir a obra grandiosa deste e reconstruí-la numa ressignificação elaborada à luz da contemporaneidade, constituída por reflexões sobre a posição homem no mundo e a sua relação com Deus e o Universo, emitindo juízos de valor renovados, sugestões para novos modelos de reorganização do mundo humano, novos paradigmas para repensar a vida e reaprender a vivê-la cultivando a interiorização para através dela ir buscando a verdadeira sabedoria e compreensão holística do universo.

Bibliografia

Impressa

Coelho, J. P. (1982). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. (7.^a ed.). Editorial Verbo. Lisboa;

Costa, D. L. P. (2012). *O Esoterismo de Fernando Pessoa*. (5.^a ed.). Lello Editores. Porto;

Lind, G. L. (1981). *Estudos sobre Fernando Pessoa. Coleção Estudos Portugueses*. (Trad. de Margarida Losa). Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa;

Livro do Desassossego de Bernardo Soares. (1986.). (Apres. crítica, sel. e sug. para análise literária de M. A. Seixo; Apêndice bibliográfico de J. Blanco). Editorial Comunicação. Lisboa;

Lopes, T. R. (org.) (2013). *Modernista. Antologia de Artigos da Revista Modernista*. FSCU-UNL. Lisboa;

Lourenço, E. (1986). *Fernando Rei da nossa Baviera*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa;

Moita, T. (2020). *Manual da Solidão*. Chiado Publishers. Lisboa;

Pessoa, F. (1980). *Obras Completas de Fernando Pessoa. Poesias de Fernando Pessoa*. (11.^a ed.). Edições Ática. Lisboa;

Pessoa, F. (1980). *Obras Completas de Fernando Pessoa. Poesias de Álvaro de Campos*. (11.^a ed.). Edições Ática. Lisboa;

Pessoa, F. (1984). *Obras Completas de Fernando Pessoa. Poesias de Fernando Pessoa*. (11.^a ed.). Edições Ática. Lisboa;

Pessoa, F. (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. (Recolha e transcrição dos textos de M. A. Galhoz e T. S. Cunha; pref. e org. de J. P. Coelho). Vol. I e II. Ática. Lisboa;

Pessoa, F. (2011) *Livro do Desassossego. Composto por Bernardo Soares, Ajudante de Guarda-Livros na Cidade de Lisboa. Obra Essencial de Fernando Pessoa*. (Ed. por Richard Zenith). Assírio e Alvim. Lisboa;

Poétique: Revista de Teoria e Análise Literária (1979). 27. (Trad. de C. C. Rocha). Livraria Almedina. Coimbra;

Quadros, A. (1989). *O Primeiro Modernismo Português. Vanguarda e Tradição*. Publicações Europa-América. Mem Martins;

Sena, J. (1984). *Fernando Pessoa & C^a. Heterónima. (Estudos coligidos 1940-1978)*. (2.^a ed.). Edições 70. Lisboa;

Tabucchi, A. (1984). *Pessoana Mínima. Escritos sobre Fernando Pessoa*. Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa.

Digital

<http://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/512966-giorgio-agamben>. Acedido em 20 de março de 2020;

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12911/1/EspiritualidadeTerapeuticasContemporaneas.pdf>. Acedido em 24 de abril de 2020;

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-249X2019000200307&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acedido em 7 de maio de 2020;

<http://arquivopessoa.net/textos/599>. Acedido em 18 de maio de 2020.